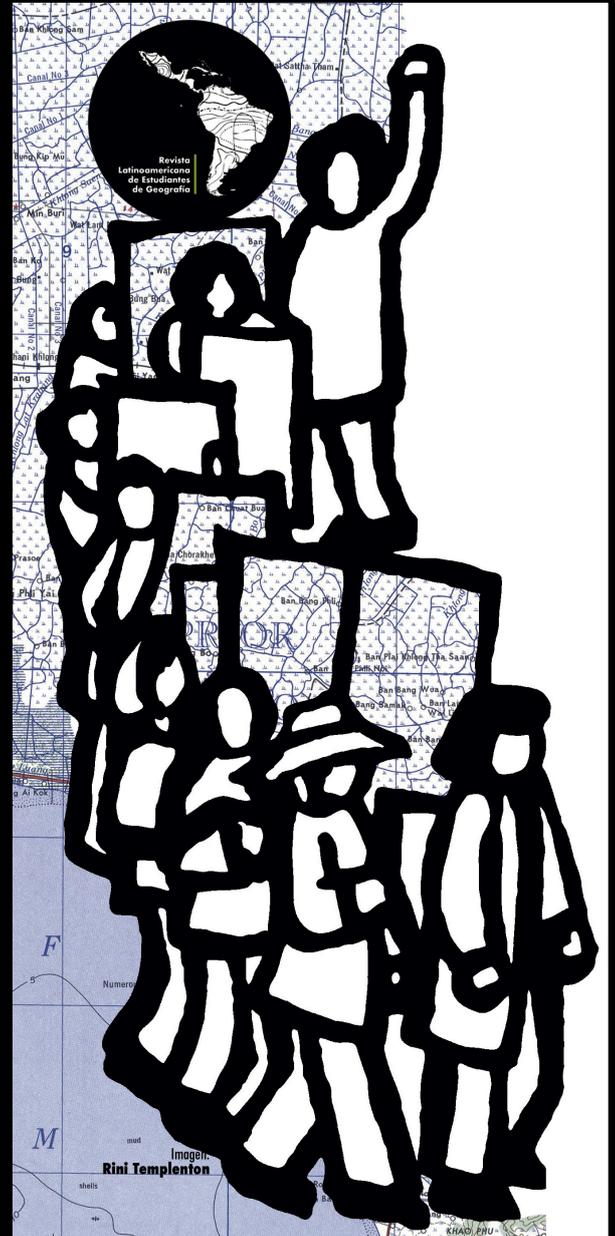


DOSSIER

*Geografía y Educación:
debates, experiencias y
nuevas pedagogías*

Imagen: **Rini Templeton**



Revista Latinoamericana de Estudiantes de Geografía

ISSN: 0718-770X · No. 10 · Septiembre 2024

<http://releg.org/>

Cordel e Geografia Escolar - Possibilidades da temática no município de Santa Maria de Jetibá

Cordel y Geografía Escolar - Posibilidades del tema en el municipio de Santa Maria de Jetibá

Rodolfo Max Vieira de Castro Filho

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, BRASIL

rodolfomax97@gmail.com

Recibido: 28/10/2023. Aprobado: 26/02/2024. Publicado (en línea): 30/09/2024.

RESUMO

O presente trabalho busca relacionar a escrita popular e a importância de uma narrativa própria por meio dos versos do cordel como recurso didático no ensino de Geografia. Utilizando a literatura de cordel, planejar e trabalhar uma aula diferenciada, suas relações com a Geografia escolar e a relevância para o contexto regional e para os nossos dias. Como forma de analisar suas possibilidades como recurso, foi realizada a oficina em uma escola municipal de Santa Maria de Jetibá - ES. A oficina inicia-se com o tema “globalização”, estudado no primeiro trimestre do ano letivo pelos alunos, e pelas escalas geográficas culminam no produto final de escrita coletiva, evidenciando narrativas de mundo dos próprios alunos, realizada, segundo os padrões de construção textual do cordel, que retornou à comunidade escolar traduzido em português e pomerano.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia escolar; Cordel; Literatura; Produção; Oficina.

RESUMEN

El presente trabajo busca relacionar la escritura popular y la importancia de la narrativa propia a través de los versos de cordel como recurso didáctico en la enseñanza de la Geografía. Utilizando la literatura de cordel, planificar y trabajar una lección diferenciada, sus relaciones con la Geografía escolar y su relevancia para el contexto regional y para nuestros días. Como una forma de analizar sus posibilidades como recurso, el taller se realizó en una escuela municipal de Santa María de Jetibá - ES. El taller comienza con el tema “globalización”, estudiado en el primer trimestre del año académico por los estudiantes, y a través de escalas geográficas culmina en el producto final de escritura colectiva, resaltando las propias narrativas del mundo de los estudiantes, realizadas según los estándares de construcción textual do cordel, que regresaron a la comunidad escolar traducidos al portugués y al pomerania.

PALABRAS CLAVE: Geografía escolar; Cordel; Literatura; Producción; Taller.

INTRODUÇÃO

Ao analisar o processo histórico de constituição da ciência geográfica, podemos concluir que aquelas/es que possuem o discurso hegemônico, impõem à outra e ao outro sua visão de mundo, ou , melhor dizendo, têm sua própria maneira de geografar o mundo. É o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu caracteriza como o processo de “di-visão”, onde os agentes ou grupos dividem e segmentam o espaço e, feito isso, iniciam a categorização a partir de uma interpretação de realidade própria por meio de uma classificação e visão de mundo, assim, podendo impor essa concepção de mundo social à outra e ao outro (BOURDIEU, 1983).

Assim, no que diz respeito à literatura, precisamos enfatizar a tradição oral, que teve e ainda possui grande destaque na África, podendo ser empregada tanto como método investigativo como também recurso metodológico (XAVIER, 2020). Como elucidada Joseph KI-ZERBO no livro “História Geral da África” a oralidade é o modo ancestral de transmitir a cultura de um povo. Aos povos que não possuem escrita, é na palavra que se ligam, não se limitando apenas na transmissão de lendas, mas indo muito além. É ela que se coloca ao alcance das pessoas, falando com compreensão e se revelando em diferentes facetas, de acordo com cada cultura.

O objetivo deste estudo foi verificar a possibilidade do uso da literatura de cordel paralelamente ao tema “Globalização” que compreende a unidade temática “o seu lugar no mundo” e a habilidade “EF09GE05” da Base Nacional Comum Curricular - BNCC que foi estudada pela turma do nono ano do ensino fundamental II. Para isso, planejamos e trabalhamos uma oficina pedagógica numa escola da rede municipal de ensino de Santa Maria de Jetibá, interior do estado do Espírito Santo.

No que sabemos, diferentes meios são explorados para a construção de um melhor ensino e aprendizagem, atendendo às diferentes realidades presentes em sala de aula. É o que Ponsuschka (2000) destaca ao compreender que a/o aluna/o é transpassado de diferentes formas em toda sua trajetória escolar, impregnando-se de simbolismos que hora são explícitos e hora afloram nas diferentes possibilidades de se trabalhar as temáticas da Geografia escolar. Buscando experienciar uma dessas possibilidades, procuramos uma articulação com a turma do nono ano, propondo-nos a realizar uma oficina pedagógica, que pudesse envolver o tema até então estudado por elas/eles e o cordel, onde, como produto final, as/os alunas/os pudessem expressar quem são e onde elas/es se encontram na escala de mundo; para que seus anseios, dúvidas, medos, certezas e sonhos pudessem ser externalizados, trabalhando esses aspectos subjetivos sem deixar de compreender o conteúdo específico sobre a temática da globalização, proposto pela professora, mas agora com uma prática renovada. (PONTUSCHKA, 2009).

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Henrique Guilherme Potratz, situada na zona rural de Santa Maria de Jetibá–ES, que apresenta uma população estimada de 41.588 habitantes em seu território de 735,198 km², segundo o IBGE. Cidade que abriga uma Comunidade Tradicional Pomerana conforme o Decreto nº 6.040/2007 (BRASIL, 2007), trazendo até hoje os fortes laços com a terra e o trabalho do campo, com boa parte da população se dedicando à agricultura familiar.

Para a realização deste trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- Levantamento de interesse por parte da professora da rede municipal de ensino da escola EMEIEF Luiz Guilherme Henrique Potratz para realização de atividades que utilizassem a literatura de cordel.
- Realização da Oficina “Literatura de cordel e Geografia”, com duração de, aproximadamente, duas horas e meia, equivalente a três aulas da segunda-feira, com a turma do nono ano, em colaboração com a professora regente.
- Produção coletiva de um cordel realizada ao final da oficina, incentivando o protagonismo estudantil, que será impresso e retornará à comunidade.

Foi desenvolvida uma oficina que dialogou com as/os alunas/os por meio de re-

ursos audiovisuais e material concreto em sala de aula, utilizando diferentes linguagens geográficas para a melhor compreensão discente, recorrendo, igualmente, ao projetor e caixa de som para apresentação; além de fichas de produção em estrofes de sextilha para escrita das/dos alunas/os.

Concluído este processo, o material produzido retornou à comunidade em forma de cordel, montado e elaborado no mural da escola, para que toda comunidade escolar participe e conheça a obra realizada pelos próprios estudantes. Além disso, alguns cordéis serão distribuídos para o conselho de pais, na intenção de levar esse conhecimento para além dos muros da escola, como prática renovada de ensino (PONTUSCHKA, 2009).

3. ASSUMINDO A NARRATIVA

Desde o momento que escolhemos o cordel, precisamos compreender primeiramente o que está além de suas características e estruturas. É necessário dar um passo para trás e entender a importância de uma narrativa que é “do povo e para o povo” (ABREU, 2006, p.). Assim, para compreender o poder da narrativa popular se faz necessário produzir recortes diferentes da homogeneidade histórica, construída e contada pelos ditos vencedores.

Logo, precisamos tomar cuidado com o perigo da história única que Adichie (2009), tão bem problematiza, levando em consideração a produção de um espaço onde histórias podem ser contadas e usa-

das para capacitar e humanizar, além de reparar a dignidade perdida de um povo.

No que diz respeito ao sujeito nas teorias do currículo, observamos, também, que aquele sujeito cingido, em que sempre está a faltar algo, posto às margens do discurso e consumido em diferentes momentos por ele, é que demonstra o potencial de ação política de quebra de estruturas pragmáticas e produz novos arranjos e meios de se produzir uma narrativa (LOPES; MACEDO, 2013). São as vivências que são externalizadas e lançam significado ao seu redor. (TUAN, 1983).

Para exemplificar, tomaremos duas literaturas como modelo. Num primeiro momento, falaremos sobre o livro “O menino do pijama listrado”¹, tendo sua adaptação cinematográfica muito aceita e trabalhada didaticamente por diversos docentes brasileiros, inclusive de nossa área do conhecimento. A ideia de transposição didática por meio de um filme ou literatura é algo totalmente aceito e de grande importância para utilização de diferentes linguagens no ensino.

Porém, a obra em questão, traz sérios problemas em sua escrita, ao analisar os personagens. Bruno, a criança nazista, que domina grande parte da narrativa, é representado como alguém que não tivesse ciência do que seria o nazismo, os campos de concentração e quem seriam os judeus, uma romantização perigosa, visto que, as crianças nazistas eram doutrinadas desde

¹ Obra ficcional de John Boyne lançada inicialmente em 2006 e adaptada para o cinema dois anos depois, considerado um best-seller internacional.

cedo, segundo tais concepções e narrativas. Quando entra em cena Samuel, a criança judia, ele é representado por alguém passivo a tudo que estava acontecendo e não recebe nem metade da importância e relevância no livro. Apesar do final trágico, a obra traz erros históricos e narrativas perigosas, que foram evidenciadas na página do museu de Auschwitz e apresentados em jornais.²

Quando colocamos em comparação a história em quadrinho “Maus”,³ conseguimos observar uma narrativa totalmente diferente. Ao contrário de John Boyne, Art é um judeu polonês e escreve baseado em entrevistas realizadas com seu próprio pai, sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz. A história traz momentos reais e preocupações singelas com a importância de preservar os fatos históricos e manter uma narrativa de resistência e que se preocupa em representar um indivíduo, um povo, uma comunidade da maneira como realmente são. Neste sentido, é fundamental que a/o professora/or de Geografia busque sempre ampliar o repertório teórico em diferentes assuntos e realizar uma análise crítica e profunda ao que tem sido levado para a comunidade escolar.

Podemos transpor a análise acima para o Brasil, também, acentuando duas narrativas, literárias. Na obra “Quarto de despejo”,⁴ Carolina de Jesus, nos relata múltiplas

e dramáticas vivências socioespaciais. No que se refere aos nossos povos originários, Ailton Krenak⁵ problematiza, em um dos seus livros, as relações que nossa sociedade tem estabelecido com a natureza.

Adotamos aqui a perspectiva de que o espaço geográfico é “a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade” (MASSEY, 2008, p. 28). Portanto, defendemos uma Geografia escolar que incorpore em seus conteúdos as narrativas produzidas por diferentes grupos sociais, incluídos aqui, os nordestinos e sua literatura de cordel.

O ensino de Geografia conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN⁶ deve levar a/o aluna/o a conhecer e valorizar a pluralidade patrimonial sociocultural do Brasil, compreendendo outros povos e nações, não reforçando estereótipos, mas se posicionando contra qualquer discriminação em diferentes níveis, sejam eles culturais, sociais, de crença, raça, gênero e qualquer outra singularidade. E espera-se que a/o aluna/o conheça e compreenda o mundo atual a partir de diferentes perspectivas, por sua diversidade, instrumentalizando-se dos conceitos fundamentais da geografia como o espaço, o lugar, o território, a região e a paisagem.

Diante do exposto, que também possa

² En: <https://hcn.org.uk/blog/the-problem-with-the-boy-in-the-striped-pyjamas/>, acesso em 05 de mar 2024.

³ Biografia/Autobiografia de Art Spiegelman lançada inicialmente em duas partes, a primeira em 1986 e a segunda em 1991.

⁴ “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. São Paulo: Ática; 10ª edição. 2021.

⁵ “Ideias para adiar o fim do mundo”. São Paulo: Companhia das Letras; 2ª edição. 2021.

⁶ Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>

compreender a importância e os significados das diferentes linguagens, uma delas, a literatura, abrindo-lhe outras possibilidades de leitura de mundo onde possa descobrir como determinada pessoa, família ou grupo social se refaz de diferentes maneiras frente a situações do cotidiano próprio de cada indivíduo e ao processo histórico. (PCN, 1997)

O estudante, apropriando-se de um repertório de experiências/vivências mais sensatas e justas, que possibilitam a formação mais humanizada, levando-os a conhecer e respeitar outras realidades socioespaciais, não advindo apenas dos clássicos, mas também daquelas literaturas populares (ABREU, 2006). Dito isso, nos aprofundaremos de fato na literatura de cordel e como trabalhá-la em sala de aula em diferentes contextos.

4. HISTÓRICO DO CORDEL BRASILEIRO

De acordo com Márcia Abreu (2006) o cordel era organizado inicialmente em vias públicas e de maneira oral, organizando seus versos autorais ou através da leitura audível para a comunidade que o cercava. Já a publicação dos cordéis tem seu início no final do século XIX na Paraíba, onde homens pobres arrendaram maquinários de antigas impressoras de jornais e com os familiares começaram a produzir seus próprios folhetos. O tamanho do cordel era realizado de maneira a aproveitar o máximo da folha, não sobrando espaços para o desperdício de papel.

A renda dessas famílias passa a ser proveniente da comercialização desses folhetos em feiras, mercados e festividades. Os folhetos abordam temas dos mais variados possíveis, como as histórias de espertezas e malandragens, viagens fantásticas, temáticas sociais e humorísticas, adaptações de notícias, entre outros que o julgasse comercial. (ABREU, 2006)

Por meio do famoso cordel “O cavalo que defecava dinheiro”⁷ de Leandro Gomes de Barros, que se encontra no acervo público da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), buscamos analisar e compreender as características regionais presentes no folheto.

Ainda que o título e todo o enredo seja uma comédia, o autor traz elementos essenciais para compreensão da época, por exemplo, a evidente “vida miserável” daqueles que faziam parte do campesinato, destacado no texto como “um morador pobre, vivendo de alugado” na terra precária de outro, termos coloquiais que demonstram a separação da linguagem erudita e gramaticalmente correta, visto que, estamos falando de pessoas simples e comuns que ingressam no contexto como escritores e declamadores. (ABREU, 2006)

Como acentua Martins (1981, p. 17), “o nosso camponês não é um enraizado. Ao contrário, o camponês brasileiro é desenraizado, é migrante, e itinerante”, ou seja, os latifúndios são criados e demarcados, mas a quem deveria o pertencer, são for-

⁷ O cavalo que defecava dinheiro, disponível em: <https://ablc9.wordpress.com/2023/07/17/cordeis-digitalizados-44/>

çados apenas à sobrevivência por meio de sua força de trabalho, o que foi diferente dos camponeses provenientes da Europa, expressivamente brancos, que, por norma, receberam suas porções de terra, encontrando mais facilitadores para que sua permanência fosse bem sucedida no Sul e Sudeste, ao contrário do Nordeste.

Além da expropriação da terra, outro elemento importante surge na narrativa popular, o engenho, presente durante muito tempo no ciclo da cana-de-açúcar. Todos esses aspectos são necessários para realizar uma transposição didática, que contextualiza e informa o aluno ao modo de vida representativo daquele período em análise, suas especificidades e características regionais, trazendo paralelos de meios de produção para os tempos atuais de globalização.

5. A ESCOLA

A escola selecionada para a realização da oficina que conecta cordel e geografia foi a EMEIEF Luiz Guilherme Henrique Potratz, situada no município de Santa Maria de Jetibá – ES. Localizada na zona rural, caracteriza-se como uma escola do campo. Para conhecê-la melhor realizamos a leitura do Projeto Político Pedagógico – PPP, de 2015. Nele foi possível conhecer a história da escola, tendo como marco inicial a educação formal dos pomeranos da comunidade, em 1941, no modelo de Grupo Escolar, em apenas uma sala de aula que funcionava em uma pequena casa cedida pelo Sr. Guilherme Emílio Júlio Potratz, um dos primeiros moradores da região.

Conforme o PPP, a escola adota como currículo a relação dialética prática-teoria visando o desenvolvimento de habilidades necessárias para a formação de uma consciência crítica dos alunos, podendo interferir na realidade de maneira participativa, respeitando os saberes e experiências que cada aluno já traz de sua casa.

Destaca-se, também, o que é salientado com relação a pensar e rever o currículo que incluía a temática do contexto das migrações, a imigração pomerana e as migrações internas, algo que encontramos bem presente na produção final da oficina realizada por meio deste trabalho, que será abordado posteriormente.

Num primeiro momento, realizamos a aplicação de um questionário, de modelo Google Forms, com a professora licenciada em geografia, visando conhecer o perfil da escola e traçar planos de ação para realização da oficina, baseando-se na realidade da escola e nos recursos disponíveis da mesma.

Analisando a proposta curricular do município, que está de acordo a Base Nacional Comum Curricular, já no primeiro momento se destaca a unidade temática do nono ano, “O sujeito e seu lugar no mundo” (BNCC, 2018, p.392), característica essa que potencializa o estudo das narrativas e envolver o aluno como sujeito participante e colaborador no processo de aprendizagem. Na competência das habilidades relacionadas ao eixo temático prevista na BNCC (BRASIL, 2018), destacamos, para orientar a oficina, o descritor EF09GE03 - Identificar diferentes manifestações cul-

turais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças. (p.393).

Identificamos, neste objetivo, algumas possibilidades, traçando, a partir dele, diferentes procedimentos para conseguirmos realizar a revisão do conteúdo e incentivar leituras particulares pelas/os estudantes. Agora, não apenas identificando as diferentes narrativas globais, mas, também, incentivando e valorizando as narrativas discentes produzidas na oficina. Não querendo falar do outro em sua cosmovisão, mas expor suas respectivas singularidades e concepções de si.

Assim, por meio do levantamento e de conversas com a professora, houve a compreensão e a aprovação de que poderia ser desenvolvida uma oficina que utilizasse um tripé de plano de ação. No primeiro momento, realizar a revisão dos conteúdos sobre a globalização estudados durante o primeiro trimestre letivo por parte das/os alunas/os. Em seguida, realizar um recorte regional para compreender a literatura de cordel e suas especificidades e, então, finalizar na escala local do sujeito, onde cada um poderia desenvolver sua própria narrativa, baseando-se na sua perspectiva de mundo.

6. A OFICINA

A oficina teve como título “Oficina de literatura de cordel e geografia.” A revisão junto as/os alunas/os sobre o tema globalização,

foi em análises da obra de Milton Santos,⁸ onde puderam compreender esse complexo e dinâmico fenômeno como fábula, tendo como recorte a ideia do sonho americano e análise de comerciais da época.

Também foi visto sobre a globalização perversa, trazendo agora a crise de vinte e nove ou a grande depressão, como também a participação que alguns países desempenham nas guerras por interesses próprios que vão bem distante do seu discurso próprio de democracia. Por fim, uma “outra globalização”, possível a partir da compreensão das possibilidades que nos permeiam e a projeção de uma nova história ou narrativa. (SANTOS, 2003)

Iniciando a oficina, apresentamos uma notícia de jornal, intitulada “americanos fabricam os seus tênis em toda parte”,⁹ na qual, com as/os alunas/os, debatemos a dinâmica de lucro do capital por meio da exploração de matéria-prima, mão de obra barata e precarização de leis trabalhistas em países subdesenvolvidos e emergentes, realizada por grandes empresas transnacionais. Ao analisar uma marca de roupa famosa, conseguimos levantar certo nível de aproximação para compreender a lógica global que estamos inseridos, onde, por meio da etiqueta de uma jaqueta, por exemplo, foi possível se pensar toda a cadeia de produção e de interesses por parte das grandes empresas.

⁸ “Por uma outra globalização”. Editora Record. 30 mar 2000.

⁹ Americanos fabricam os seus tênis em toda parte. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/02/mundo/4.html>. Acesso em 03 jun. 2023.

Em seguida, caminhamos para aspectos relacionados à região Nordeste, a construção de uma narrativa popular, a importância de se manter uma narrativa própria e não deixar que o outro assuma o seu lugar de fala. Recorremos aos dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, trazendo a institucionalização da literatura de cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro no dia dezanove de setembro de 2018 (IPHAN, 2018).

Abordamos, também, as diferentes faces do cordel, sua influência, buscando fazer articulações à escala local. Com relação à escrita do cordel, foi demonstrado como há características próprias e nem um pouco simples ou espontâneas para se construir um cordel. Evidenciamos, igualmente, que a maioria dos cordéis são estruturados sob a forma de sextilha, ou seja, seis estrofes, onde, os versos pares (o segundo, quarto e sexto) rimam entre si e com versos setissílabos (ABREU, 2006).

Tudo isso foi estudado e compreendido em fase prática, realizando leituras de diferentes cordéis que se encontram disponíveis de maneira digitalizada nos sites da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e da Fundação Casa de Rui Barbosa.

7. PRODUÇÃO FINAL

O momento final da oficina foi para que as/os próprias/os alunas/os pudessem se expressar por meio do cordel. A nossa questão proposta para elas/es foi: “Qual a nossa narrativa para o mundo?” onde estariam livres para escrever sobre suas aspirações,

medos, anseios, como também para dar voz aos seus cotidianos vividos naquele lugar, evidenciando suas territorialidades.

Para isso, as/os estudantes presentes escolheram suas duplas e, após, foi disponibilizada uma estrutura de sextilha com sete versos silábicos, disponível *online* pelo professor Fagner Araújo.¹⁰ No primeiro momento as/os alunas/os tiveram muita dificuldade em escrever algo totalmente diferente do que é habitual, que respeitasse as regras de escrita.; além de definir sobre o que escrever, qual vivência e pertencimento deveriam levar em consideração ao transitar pelo questionamento principal da oficina “Qual a nossa narrativa para o mundo?”

Em sua maioria, os cordéis tomaram uma narrativa regional culturalmente proposta desde a educação infantil e perpassa toda a vivência escolar até o fim do fundamental II no município de Santa Maria de Jetibá. Devido à preocupação e o cuidado para que se preserve a língua e cultura pomerana, houve o incentivo à criação do PROEPO (Programa de Educação Escolar Pomerana) que é o programa político pedagógico adotado no município. Seus versos trouxeram aspectos ligados ao campo, à roça, à realização pessoal proveniente do trabalho, à preservação da língua pomerana e seu ensino aos mais novos.

Logo, podemos pensar uma maneira de continuar a preservar suas tradições sem que o sujeito seja colocado à parte de sua formação, garantindo seu direito de

¹⁰ Professor de língua portuguesa e cordelista, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PxasQHMB-Dw>

aprender, pois, neste caso, ainda que a/o aluna/o não tenha mais nenhum interesse ao cordel após a oficina, arriscamos a possibilidade de que ele tenha uma vivência escolar mais plural, além do seu desenvolvimento pleno como cidadão e sujeito central de sua própria narrativa. (CALLAI, 2004)

Finalizada a oficina, chegou o momento de receber cada estrofe produzida e organizá-la de uma maneira que possibilitasse uma conexão entre tudo que foi escrito, passando por um processo de curadoria própria.

Além disso, em colaboração com Sandra Goll Ferreira, professora de pomerano da rede municipal, participante do PROEPO, foi realizada a tradução dos versos escritos em português para que, assim, fosse anexado no trabalho final dos alunos, mantendo a perspectiva de preservação da língua materna, fazendo com que a obra coletiva possa ser apresentada a comunidade de maneira mais receptiva e culturalmente respeitada. O cordel ganhou como título “O mundo do lado de cá” e conta com doze versos escritos pelos alunos, tanto em português quanto na língua pomerana.

A terra do lado de cá

Pessoal desse Brasil
Escute o que vou falar
O cordel do nono ano
Você vai se encantar
Contando a história
Narrativas para amar.

Quando crianças somos
Adultos queremos ser
Quando adultos somos
Crianças queremos ser
Tudo é ilusão
E no final iremos morrer

Dai ër an dëse kant

Brasiliänisch lüür
Höört wat ik säge dau
Dit sriwt wat fon dat nuind jår is
Däit dij sër gefale
Bijm geschicht fortelen
Wat foirsäge taum lijbe.

Wen wij kiner sin
Wile wij groot sin
Wen wij groot sin
Wile wij kiner sin
Ales is ilusion
Un taulätst blijwe wij dood

O mundo é comum

Comum de histórias

Cada dia vivido

Faz muitas memórias

Livros e Capítulos

Vidas em vitórias

Dai wild is ainfach

Ainfach mit geschichte

Jëre dag wat beleewt wart

Mökt feel gedanke

Buike un kapitels

Leewent in dat gewinen

Meu leitor, minha gente

Tenho que lhe informar

O meu mundo na roça

No sol quente de rachar

Cultivando verduras

Da manhã até o luar

Mij leeser, mijn lüür

Ik mut juuch wat säge

Mijn wild upm land

In dai hait sün

Woo ik gruinweesend plante dau

Fon morgens bet dai måneschijn

Acorde cedo e vai

Vai atrás de seus sonhos

Em casa não se chega

Nos seus objetivos

É no campo que cheguei

A meios produtivos

Ståe tijg up un gå

Gå dijn drööm nå

Nahuus kåme wij ni

In dijn objektive

Upm land bün ik henkåme

Mank dat schafen.

O povo pomerano

Que tem uma cultura

Que é maravilhosa

E com sua bravura

Ele prospera e vive

Com sua agricultura

Dat pomerisch folk

Hät ain kultur

Wat sër gaud is

Un mit sijm muud

Däit dai beeter ware un leewe

Mit sijn landwirtschaft

O povo pomerano	Dat pomerisch folk
Começou outra vida	Hät air anerd leewent anfåge
Parece que foi fácil	Dat hät licht uutsaie
Todas as despedidas	Dai gans afschijde
Chegar aqui não foi mole	Hijr henkåme is ni licht wäst
Foi uma luta sofrida	Is air swår strijt wäst
O nosso município	Oos municip
É cheio de cultura	Is ful mit kultur
Aprender pomerano	Pomerisch lère
É uma boa aventura	Is air gaur aventua
Ensinar as crianças	Dai kiner lère
Essa grande feitura	Is air groot wirken
Uma língua falada	Ain språk wat reert wart
Com algumas tradições	Mit wek moor
Da família herdada	Wat fon dai familg ärb is
Guardada em corações	Un upwårt is in oos härts
O povo pomerano	Dat pomerisch folk
Tem diversas produções	Hät feel schaft
Uma cultura bonita	Ain hübsch kultur
Cheia de tradição	Mit feel moor
Te mostro nesse cordel	Ik wijs dij in dës sriwt
E guardo no coração	Un dau in mij härts wåre
O povo inspirado	Dat folk wat belücht is
Em viver nesse mundão	Taum leewen in dës groot wild

Nessa comunidade
Vive um povo feliz
Em comunhão festejamos
Os pomeranos raiz
Sempre nos orgulhamos
Do que a história diz

Santa Maria de Jetibá
Terra de muito saber
E com grandes valores
Temos muito a aprender
Danças, culinárias,
Costumes, vem conhecer!

In dës gemaind
Leewt air fröölig folk
Mit gewöönlighkët daue wij fijre
Dai richtig pomer lüür
Ümer sin wij stols
Fon dat wat dai geschicht sägt

Santa Maria de Jetibá
Is land mit feel waiten
Un mit feel wërd
Häwe wij sër feel taum lëren
Dansen, eeten
Moor, kãm taum dat kene!

O produto final possibilitou o protagonismo dos estudantes e a valorização pessoal e cultural, de caminhar duas propostas culturais tão distintas como o cordel e a cultura pomerana presente no município. É o que Paulo Adriano Santos Silva e Robertta De Jesus Gomes (2020) elucidam como maneira de trabalhar os conceitos geográficos de maneira reflexiva e prazerosa, com práticas renovadoras.

Em síntese, o cordel produzido pelos/pelas alunos/alunas evidenciam o que Tuan (1980) compreende como a percepção das vivências que cada um carrega; as diversas relações de pertencimento com relação ao lugar, expondo a grandeza de significados que cada indivíduo ou comunidade carregam em sua imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel foi bem aceito pelas/os alunas/os e desafiou cada um a conhecer algo novo, demonstrando interesse e uma realização pessoal em conseguirem concluir a tarefa. Os conteúdos relacionados à oficina foram bem trabalhados anteriormente graças à excelente atuação da professora licenciada em geografia, que tornou o momento de realização da oficina ainda mais exitoso.

O movimento das escalas geográficas foi compreendido, tendo em vista a globalização como escala mundial, o cordel no contexto regional e nacional e a escrita conseguindo analisar e compreender a escala local. Por meio do incentivo de produção de uma narrativa própria, buscamos in-

centivar o protagonismo discente em suas respectivas histórias de vida, não deixando para outro narrá-las. Tudo isso costurado por meio dos fios da Geografia, sendo ela a ciência possível para compreender as realidades socioespaciais em que estamos inseridos, nas diferentes escalas ou níveis geográficos.

O cordel se mostra como uma produção de grande riqueza e relevância no contexto escolar, não somente na disciplina de Língua Portuguesa, podendo ser trabalhado de maneira multidisciplinar. É por meio de uma narrativa do povo que, também, podemos conhecer diferentes contextos e visões de mundo, demonstrando que não é simplória, mas de diferentes camadas, na escrita, na expressão da conjuntura social e um patrimônio imaterial cultural que necessita ser conhecido e valorizado por todas e todos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

ADICHIE, Chimamanda: **O perigo de uma única história**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/c?language=pt-BR. Acesso em: 05 jun. 2023.

BARROS, Leandro. **O cavalo que defecava dinheiro**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cavalo-que-defecava-dinheiro/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre: **A identidade e a representação: elementos para um reflexão crítica sobre a idéia de região**. In. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. p. 107-132.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007b**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 01 jun. 2023.

CALLAI, H. C. **O estudo do Lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. Anais do VIII Congresso luso - Afro - Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

- IBGE. **Panorama - Santa Maria de Jetibá.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/santa-maria-de-jetiba/panorama>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- IPHAN. **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em 03 jun. 2023.
- KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.** 2a. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**, 1a. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981, p.17.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública.** Terra Livre, São Paulo, n.15, p. 145-154, 2000.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLE, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- TUAN, Yi -fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.
- XAVIER, Antônio Roberto et al. **História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual.** Rev. Pemo, Fortaleza, v.2, n.1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>
- SANTOS SILVA, Paulo Adriano; GOMES, Robertta De Jesus. **LITERATURA DE CORDEL: DESVENDANDO O LUGAR NA GEOGRAFIA ESCOLAR.** Revista Ensino de Geografia (Recife), [S. l.], v. 3, n. 1, p. 108–121, 2020. DOI: 10.51359/2594-9616.2020.241495. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/241495>. Acesso em: 5 mar. 2024.